

CORREIO DO POVO

2 de outubro de 1955

*faltam mais
infor. mais*

arroio

T0718

03a620-55

Marinha

Especial para o Correio do Povo

Reinaldo Moura

As mãos habilidosas dos meninos podem recriar o mundo. E como eles ainda estão próximos das flácidas sombras onde se desenvolve o mistério da geração, o espírito que os aquece possui invisíveis membros de palmípede, barbatanas intocáveis, nadadeiras que só nos sonhos êles mesmos percebem, vermelhas e transparentes como se as animasse o sangue das recordações. É por isso que a água arredonda seu universo, azul como um imenso brinquedo.

No pátio antigo à sombra do parreiral, há um estaleiro. O dique sêco está no alpendre. O alicate é um enorme pilão de ar comprimido. O martelo possui as paciências das laminadoras, e sua força deixa de existir numa unidade, para se desdobrar pelo tempo infinito da insistência. Esse tempo é uma tarde entre a sesta do verão e a coriza do inverno, uma tarde que não acaba mais, como se a eternidade ouvesse pousado, embora de leve, sobre as pequenas vidas que começam.

Nos fundos, passa o arroio! Quando os olhos deslimbrados da criança percebem na refração da luz dentro das águas o dorso escuro do lambarí, lá dentro do espírito trabalhado pelas revistas do mundo cruza a velocidade

submersa de um submarino. Agora mesmo passou sob o casco do velho cruzador ancorado no meio do arroio. O menino sente um pequeno choque. O mundo que êle inventou está realmente existindo. Aquele cruzador não é dos maiores, não. Terá quando muito uns três palmos de comprimento. Madeira serrada com enorme paciência encouraçada depois com lata de querosene. E a pintura é tal qual a dos outros, os da gente grande. Cinza que se confunde com a côr do mar, quando o mar está incerto e as coisas diluidas entre o céu e a bruma. As chaminés são canudos perfeitos, pois as latas de conserva, os tubos de aluminio das farmacias guardam sempre simetria primitiva. Pregos dos grandes, os canhões. Com arame, os guindastes. Tudo cinza, parece mesmo que o mundo copia brinquedos de crianças.

As sugestões quase sempre vem de fora. É natural que isso aconteça. A vida realiza seus gestos dentro da onda imperiosa da moda. A fôrça dos acontecimentos telegrafa a todos os espíritos, a os subordina a um estilo provisório dessa hipnose, as atitudes se multiplicam, até o momento em que a onda, e outra começa a fascinação, como se fossemos serpentes na música inaudível.

Agora os meninos estão terminando a construção de suas canhoneiras. São navios sem muita responsabilidade, sem dúvida. Uma só chaminé. Poucos canhões de calibre modesto. Pequenos navios de guerra de uma marinha fluvial. Mas para o arroio, está ótimo, melhor ainda que os outros, por exemplo, aquele couraçado que naufragou depois de atingido pelas pedradas da costa quando passava os Dardanelos...

As canhoneiras tem nome, está claro. Esta aqui é a Humaita, aquela a Paraguai. Os meninos estão repetindo o porto de Buenos Aires. E dentro do Paraguai faz de conta que o general repousa. Está, por exemplo, agora mesmo, dormindo a sesta. Exatamente agora, que o navio foi lançado ao arroio, que já deslisa pelas águas esverdeadas às sombras dos salgueiros, e parece mesmo uma nítida realidade.

- Viva o Paraguai!

Os meninos se exaltam. Bandeiras coloridas tremulam. O arroio povoado de submarinos lampejantes, é o maior mar do universo.